
A Representação Estereotipada de Transtornos Mentais em *American Horror Story: Asylum* (2012)¹

Marcela CUNHA²

Yousefe SIPP³

Luísa LIMA⁴

Instituto de Ensino Superior de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a composição audiovisual *American Horror Story: Asylum* (2012) e suas representações sobre saúde mental, pelas distintas perspectivas abordadas no audiovisual sob influência da imagem social de transtornos mentais. Por meio da pesquisa bibliográfica, foram abordadas condutas culturalmente construídas frente aos doentes mentais. A reflexão acerca de conceitos discutidos pelos autores possibilitou o adensamento da pesquisa acerca da repercussão das construções imagéticas no audiovisual. Entendemos a obra como um relato de horror composto por um teor audiovisual-crítico social. Na análise fílmica, observa-se o uso de estereótipos como uma crítica a forma como são tratados os doentes mentais na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: doenças mentais; estereótipos; comunicação; audiovisual; *American Horror Story: Asylum*.

1. INTRODUÇÃO

A mente humana em si é algo muito complexo. É através da sua capacidade potencial que o ser ativo constrói sua autonomia social, visto que somente por meio do funcionamento da capacidade psíquica que as pessoas são capazes de estabelecerem-se em uma sociedade.

As perspectivas acerca do adoecimento mental de uma pessoa mudaram bastante com o passar do tempo, visto que os conceitos para se diferenciar o “patológico” e o “normal” podem ser muito subjetivos.

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo do IESB, e-mail: marcelacarvalhocunha@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo do IESB, e-mail: yousefesipp@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação Social pela universidade de Brasília (UnB), professora do curso de Jornalismo do IESB, e-mail: luisaglima@hotmail.com

Sendo associados a uma espécie de reparador social para o padrão de conduta das culturas, o propósito das instituições psiquiátricas é sanar ou estabilizar ao máximo as patologias mentais que afetam o ser. Os modelos de tratamento e atendimento da psiquiatria em saúde mental variam entre as instituições.

Dentro das estruturas sociais e culturais, a comunicação e os processos a qual a compõem tendem a adquirir diversos paradigmas, dependendo do contexto ao qual ela está inserida. Quando volta-se a falar das relações interpessoais dentro da sociedade, subconscientemente já se está trabalhando o conceito de comunicação.

Comunicação: ato ou efeito de emitir, transmitir ou receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou visual (FERREIRA, 1975).

Os estudos da comunicação atribuem ao seu potencial social de influência, diversas teorias e conceitos. As principais escolas teóricas dos estudos da comunicação de massa relacionam em comum a sociedade como uma indústria, para que possam basear suas vertentes, de acordo com o condicionamento que a ação da sociedade toma em relação a comunicação.

As representações no audiovisual podem contribuir com a construção das distintas realidades sociais. Por tal motivo, este artigo busca verificar se o direcionamento do conteúdo pode comportar estereótipos comuns socialmente. Cabe lembrar que, por exemplo, a escolha na representação de padrões e estigmas sobre os transtornos mentais em *American Horror Story: Asylum* (2012) serão recebidos por diversas camadas culturais.

O objetivo geral deste artigo é analisar a composição audiovisual *American Horror Story: Asylum* (2012) e suas representações sobre saúde mental, pelas distintas perspectivas abordadas no audiovisual sob influência da imagem social de transtornos mentais. Entre os objetivos específicos estão: examinar se há construção de estereótipos e as proporções de construções caricaturescas na comunicação.

Estabelecer o viés crítico a qual o produto final deseja alcançar infere a percepção ética e moral sobre as escolhas de enquadramento diante de transtornos mentais. O recorte final de uma obra audiovisual pode atingir o consumidor frente a visões moralistas e rasas de conteúdo ou se expressarem por romper com os padrões estéticos.

2. METODOLOGIA

Esse artigo se baseará, para o alcance de seus objetivos, em dois segmentos metodológicos de pesquisa: pesquisa bibliográfica e análise fílmica.

A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de um levantamento de publicações, como livros e artigos científicos com o objetivo de compreender a escolha do assunto, a elaboração do plano de pesquisa, compilação, análise e interpretação. Tal método é necessário em qualquer trabalho científico e reduz as chances do pesquisador trabalhar em vão.

Trata-se do levantamento da bibliografia já publicada sobre o assunto de interesse, em forma de livros, revistas, periódicos, publicações avulsas, veiculados na internet ou por meio da imprensa escrita. A pesquisa bibliográfica objetiva colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre determinado assunto, com a finalidade de colaborar na análise de sua pesquisa (DA SILVA, 2015, p. 83).

Na prática da análise fílmica, o artigo apresentará um panorama explicativo sobre todas as patologias de transtornos mentais presentes na série: *American Horror Story: Asylum* (2012). A análise fílmica também estabelecerá se o hospital psiquiátrico presente na série segue os princípios de tratamento manicomiais ou hospitalares.

E embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994) (PENAFRIA, 2009, p.1).

Interessa pesquisar se o conteúdo audiovisual corrobora com perpetuação dos estigmas negativos que acompanham os transtornos mentais na sociedade. Também está entre os objetivos analisar como os elementos narrativos da série são direcionados: para reforçar um padrão de alteridade sobre os transtornos mentais ou usados como mecanismos de desaprovar os estereótipos culturais?

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS TRANSTORNOS MENTAIS

Na construção histórica-social das funcionalidades de uma sociedade, foram capacitados padrões de juízo e condutas de comportamento. Assim, ao fomentar em sua consciência

a capacidade de raciocínio, o indivíduo social busca estabelecer opiniões, gostos, pensamentos e agir, por exemplo, dentro do padrão "normativo" de convívio a qual está inserido.

O termo *mente* também é bastante controverso. Em geral, a palavra é utilizada para descrever processos psicológicos que atingem a nossa consciência, como motivações, emoções ou processos cognitivos - incluindo percepção, memória, raciocínio ou qualquer outra função que permita a aquisição de conhecimento, a resolução de problemas e a elaboração de planos para o futuro (LANDEIRA-FERNANDEZ, 2009, p.24).

Adentra-se mais a fundo na complexidade da relação mente-sociedade quando se interpõe o conceito de transtornos mentais. Por critério, se dissocia a maneira funcional da mente frente a conduta portada por alguém que fuja da "normalidade" social.

Segundo a caracterização oficial da OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde), "existem diversos transtornos mentais, com apresentações diferentes. Eles geralmente são caracterizados por uma combinação de pensamentos, percepções, emoções e comportamento anormais, que também podem afetar as relações com outras pessoas" (OPAS, 2021)

De acordo com Landeira-Fernandez (2009), existem três conceitos para se caracterizar a evasão da normalidade. O de subjetividade, pertencente à experiência empírica de contato com o sofrimento. O estatístico atrela o patológico ao que se difere do padrão/média dos demais. E o cultural, segundo o qual o distúrbio mental se associa à quebra dos ideais e do padrão comportamental de uma sociedade ou cultura.

Ao passo que muitas dessas designações de transtornos mentais falham ao decorrer dos anos e conseqüente avanço científico, porquanto que os padrões culturais se transformam. Como exemplo, comportamentos estranhos ou episódios psicóticos eram taxados como possessão demoníaca no período de inquisição da Igreja Católica, e a homossexualidade que só foi retirada da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) na década de 90.

As definições de normal em si podem ser controversas frente à sua classificação. Há diversas variantes frente à definição de critérios para se estabelecer o conceito de normalidade. A seguir estão alguns conceitos estabelecidos entre a comunidade psiquiátrica brasileira, baseados no livro: *Psicopatologia e semiologia dos transtornos*

mentais (2000). Cujas autorias são do professor titular de psicopatologia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Paulo Dalgalarro.

Normalidade como ausência de doença: pela perspectiva patológica, um indivíduo normal seria aquele que não possui nenhum transtorno mental definido. Entretanto, é um critério falho, uma vez que se define a normalidade pelo o que ela não é e não pelo o que ela supostamente seria.

Normalidade ideal: tal conceito é baseado na adaptação do ser em condutas e normas morais e políticas que são determinadas pela sociedade.

Normalidade estatística: neste caso, o normal é identificado como o que se é observado com maior frequência. Portanto, quem não se encaixa no que é mais visto, é considerado doente ou anormal. Tal critério é bastante escasso, uma vez que nem tudo que é frequente é automaticamente o "normal".

Normalidade como bem-estar: De acordo com a OMS (WHO, 1946), a saúde é uma condição de completo bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de doença. Entretanto, é um conceito um pouco impreciso, visto que é difícil de se definir e contabilizar o bem-estar.

Normalidade funcional: Consideram-se questões funcionais e não obrigatoriamente quantitativas. A normalidade em um indivíduo é observada quando não é gerado sofrimento para si próprio ou para os outros ao seu redor.

Normalidade como processo: Tal conceito baseia-se em fatores dinâmicos do desenvolvimento psicossocial, das desestruturações e das reestruturações ao decorrer do tempo, de crises, de mudanças próprias a certos períodos etários. É um conceito bastante utilizado pela psiquiatria em crianças, adolescentes e idosos.

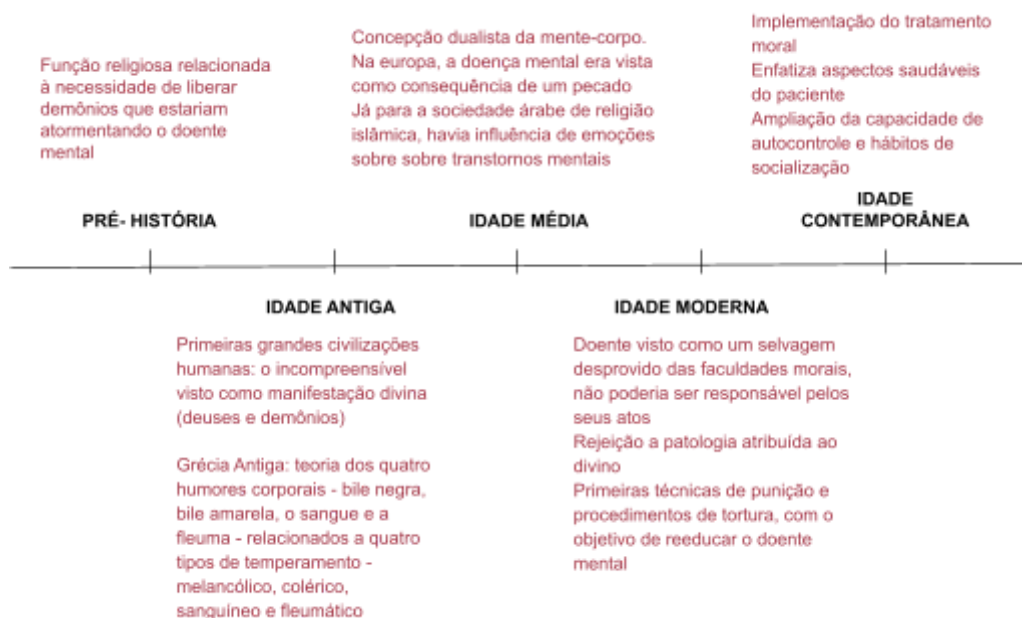
Normalidade subjetiva: Esse critério se baseia mais nas vivências do indivíduo, onde a percepção do próprio indivíduo sobre sua saúde é levada em conta.

Normalidade como liberdade: A normalidade está relacionada à possibilidade de transitar com níveis diversos de liberdade sobre o mundo e sobre o próprio destino. De acordo com o psiquiatra Cyro Martins (1981), a saúde mental pode ser observada como a capacidade de possuir “senso de realidade, senso de humor e de um sentido poético perante a vida”.

Normalidade operacional: define o que é patológico e o que é normal e lida

ativamente com tais conceitos, reconhecendo as consequências que forem observadas de acordo com o conceito que foi estabelecido.

Figura 1: Representação dos transtornos mentais ao longo das eras históricas.



Fonte: Elaboração dos autores, com base em Landeira-Fernandez (2009).

Dentro das sociedades é comum que os conjuntos de comunidades classifiquem os diversos elementos que compõem a dinâmica das relações interpessoais, especialmente com o fim de organizar os parâmetros de informações de maneira útil. Em geral, objetos e conhecimentos que possuem características similares são caracterizados em um mesmo grupo, com o objetivo de tornar as cognições de realidade mais compreensíveis.

Censos de saúde são estruturas fundamentais para a determinação de princípios com relação a planejamento e políticas de saúde, ademais, são ferramentas que auxiliam o estabelecimento de prioridades para pesquisas e prevenções dentro da sociedade. Padrões da linguagem e critérios sobre doenças mentais fomentam as bases para tratamentos médicos entre as variadas abordagens possíveis.

Nas últimas décadas os critérios estabelecidos para categorizar os transtornos mentais passaram por uma série de variações. O primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) foi publicado somente em 1952. O DSM-I possuía um glossário com a descrição clínica de cada categoria diagnóstica e uma lista de

diagnósticos categorizados. A quinta e última versão do Manual, foi publicada em 18 de maio de 2013.

Um novo sistema de classificação de doenças mentais estará disponível a partir de 1º de janeiro de 2022 e foi determinado pela OMS, a CID-11 (Classificação Estatística de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde). A CID é utilizada como parâmetro para identificar estatísticas e concepções de saúde pelo mundo. A CID-11 trata os transtornos mentais de maneira mais inclusiva e abrangente. Excluirá, por exemplo, a transexualidade da lista de transtornos.

3.2. HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS COMO MEDICALIZANTES SOCIAIS

Hospitais de tratamento psiquiátrico são instituições sociais de saúde destinadas ao tratamento e melhora dos portadores de transtornos mentais. Esses podem ser associados a uma espécie de reparador social para o padrão de conduta das culturas.

Michel Foucault, [...], em seu livro História da loucura, publicado em 1961, argumenta que os hospitais psiquiátricos, da mesma forma que os presídios, representam instituições criadas pela sociedade com o objetivo de excluir indivíduos incapazes de se ajustar à ordem social (LANDEIRA-FERNANDEZ, 2009, p. 36).

Os primeiros registros de hospitais a receberem doentes mentais datam da Idade Moderna, a partir das novas estruturas sociais advindas da consolidação do capitalismo.

Com a reorganização da sociedade europeia, tornou-se necessária a criação de instituições especiais que pudessem abrigar um grande número de mendigos, idosos, inválidos e doentes que se acumulavam nas cidades e não tinham onde morar. Essas instituições, chamadas de asilos ou hospitais gerais, foram inicialmente mantidas pela Igreja (LANDEIRA-FERNANDEZ, 2009, p. 29).

O tratamento de pacientes em asilos era conhecido por ser bastante agressivo, com espancamentos, tortura generalizada e indiscriminada e privação de alimento, com a esperança de livrar o paciente do demônio que o possuiu. Com isso, surgiram então os manicômios, que buscavam tratar os doentes mentais sem o uso de tal violência. O tratamento no manicômio buscava reeducar o alienado, utilizando métodos coercitivos e educacionais.

No Brasil, para assegurar que o tratamento psiquiátrico não siga os padrões observados anteriormente em asilos, foi sancionada a Lei 10.216/2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental seguindo os princípios dos direitos humanos.

3.3. A COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL COMO AGENTE SOCIAL

A comunicação está interligada a tudo à nossa volta, influenciando a maneira em que as coisas são vistas e até na forma de agir. As transmissões de padrões e valores culturais perpetuados em grupos sociais, por exemplo, só é possível por intermédio de fatores comunicacionais. "O ser humano é um ser da comunicação: consigo (subjetividade) e com o mundo, ambos entendidos como produtos da comunicação [...]" (HOHLFELDT, MARTINO e FRANÇA, 2001, p.23).

Uma das vertentes comunicacionais de maior potencial e alcance quântico entre a população é o audiovisual. Nele está atrelada a projeção através de dispositivos transmissores que incidam aspectos visuais e sonoros para um receptor. Assim sendo possível organizar e associar um direcionamento comunicacional.

No livro "Cultura e Representação", Stuart Hall (2016) propõe o questionamento da construção da comunicação visual sobre as culturas, uma vez que há certo fascínio em representações em torno da diferença e alteridade sociais. "A pergunta que surge com essa comparação através dos tempos é: os repertórios da representação em torna da "diferença "e da "alteridade" mudaram ou as características anteriores permanecem intactas na sociedade contemporânea?" (HALL, 2016, p. 139).

A popularização das representações de alteridade socialmente está relacionada ao papel que os grupos culturais desempenham. A maneira que um telespectador, por exemplo, está familiarizado ou prefere se ver frente a um padrão que é diferente ao seu. Portanto, a estereotipagem tende a ocorrer onde existem desigualdades de poder, direcionadas a um grupo subordinado ou excluído com uma presença marcante de caráter etnocêntrico.

[...] o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a 'diferença'. Em segundo lugar, a estereotipagem, implanta uma estratégia de "cisão" que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Em seguida, exclue ou expelle tudo o que não cabe, o que é diferente (HALL, 2016, p.191).

No audiovisual, por exemplo, o filtro amarelo é utilizado para retratar estereótipos negativos sobre um lugar desbravado por um herói branco. São países caracterizados com muita pobreza, drogas, gangues e guerra. É usado como uma maneira de diferenciar a sociedade ocidental, em especial os EUA, do mundo em desenvolvimento.

O recurso, usado frequentemente em produções Hollywoodianas, [...], é recorrente para retratar países emergentes, como o México. O filtro causa sensação de calor extremamente mais intenso para os países - todos aparentemente afetados por um sol desértico intenso e escaldante no qual não dá para permanecer sem suar (MILLAN, 2020).

Os meios de influência dos estereótipos estão ligados a atitude internalizada pelos indivíduos. Maneiras de retratar que poderiam simplificar a experiência ou ter uma falsa sensação de realidade. A aproximação que temos pelo olhar de imagens das mídias depende da difusão dessas.

No mercado corporativo da comunicação audiovisual, é obrigatório seguir determinados códigos de conduta para que alguns limites sejam preservados. Foi criado no Brasil o Código de Ética da Radiodifusão Brasileira. O Código de Ética (1993) estabelece alguns princípios a serem seguidos no audiovisual visando transmitir apenas o entretenimento sadio. O Código propõe-se a levar elementos positivos que possam contribuir para a melhoria das condições sociais ao entretenimento do público.

Assim, os segmentos de conduta frente a escolha das representações audiovisuais partem dos princípios criteriosos que a produção e os diretores optaram por abordar, desde que eles estejam dentro dessas normas.

4. ANÁLISE FÍLMICA

4.1. AMERICAN HORROR STORY: ASYLUM FRENTE A DOENÇAS MENTAIS

A produção audiovisual *American Horror Story: Asylum* (2012) retrata a história de uma instituição psiquiátrica chamada Briarcliff. Construída em 1908, Briarcliff foi o maior sanatório da costa leste dos Estados Unidos. Sob o controle da Igreja católica, a instituição exercia sobre seus pacientes tratamentos de caráter manicomial, hoje condenados pela justiça e organizações de saúde.

Criada e dirigida por Ryan Murphy e Brad Falchuk, logo no primeiro episódio é notória a presença dos dogmas clericais sob a regência da instituição. Como já mencionado

neste artigo, tais preceitos e diretrizes influenciados por ideais religiosos datam desde o feudalismo em tratamentos de patologias mentais. Em conversa com o monsenhor Timothy Howard, interpretado pelo ator Joseph Fiennes, a irmã Jude, Jessica Lange, fala sobre sua visão do que seria a loucura e questiona os pensamentos do monsenhor sobre o assunto. "Quando me colocou no comando aqui, achei que sua confiança viesse de uma visão comum da loucura como crise espiritual, como ausência de Deus" (MURPHY, FALCHUK, 2012, ep. 1, min. 27:24-27:34).

Sob um viés condenatório, o doente mental era tido como uma fração inútil da sociedade na série *American Horror Story: Asylum* (2012). Nas práticas de tratamentos estão a presença de tabus sociais em função da alteridade do doente. Comuns em Briarcliff, punições eram instrumentos de continência para o paciente. Como exemplo, interpretada pela atriz Chloë Sevigny, Shelby era uma mulher ninfomaniaca julgada e recriminada pela instituição, que esteve sujeita a raspar seu cabelo e passar por sessões de eletrochoques como castigo para a manifestação de sua sexualidade.

A ninfomania, também chamada de desejo sexual hiperativo, é um transtorno psiquiátrico caracterizado pelo excesso de apetite sexual ou desejo compulsivo por sexo, sem que ocorra alterações nos níveis hormônios sexuais que justifiquem esse problema. [...] A palavra ninfomania se refere à presença desse transtorno apenas em mulheres, pois quando esse mesmo problema psiquiátrico é identificado nos homens, é chamado de satíriase (FARIA, 2021).

A ninfomania, ou então o vício de mulheres em sexo, é visto pela sociedade como uma doença. É importante destacar que ao longo da história, mulheres são crucificadas e julgadas apenas por gostarem ou fazerem sexo. Na série *American Horror Story: Asylum* (2012) não é diferente, Shelby é tratada como uma doente e passa por tratamentos horripilantes apenas por exercer sua sexualidade. Um homem, muito provavelmente, não receberia os mesmos tratamentos, sendo tratado o recorte de conteúdo frente à estrutura patriarcal da sociedade machista e preconceituosa.

Na produção de Ryan Murphy e Brad Falchuk, há a presença marcante de cenas que retratam as diretrizes puníveis atribuídas a instituições manicomiais. Uma amostra dessa representação é a quantidade de vezes em que são ministrados castigos com chicote aos pacientes de Briarcliff. Ao todo foram quatro de treze episódios que continham essa temática, representando cerca de 30% na composição narrativa audiovisual.

Entre uma das formas de tratamento comuns em manicômios e presentes na série *American Horror Story: Asylum* (2012) está a eletroconvulsoterapia, ou apenas eletrochoque. A utilização da eletroconvulsoterapia está ligada a um histórico de tortura dentro de hospitais psiquiátricos, os conhecidos manicômios.

O grande inconveniente dos eletrochoques, no início, era serem feitos sem relaxamento muscular e anestesia. Os doentes se debatiam e fraturavam os ossos. Também vomitavam, engoliam as secreções, contraíam doenças respiratórias e, às vezes, morriam sufocados. Os equipamentos, sobretudo em hospitais públicos, eram mal regulados, o que fazia com que os choques fossem excessivos ou ineficazes. Nesse quadro, o tratamento ficou associado à violência e ao medo (DIEGUEZ, 2008).

Em Briarcliff, a terapia era utilizada para o tratamento de doenças mentais e para apagar a memória de pacientes sãos. A personagem Lana Winters, uma jornalista, interpretada pela atriz Sarah Paulson, é uma das pacientes a receber o eletrochoque. Internada por ser homossexual, Lana recebe o tratamento com o intuito de apagar sua memória para que não exponha o que acontece dentro do manicômio. Com o intuito de tratar a homossexualidade de Lana, o doutor Oliver Thredson, interpretado por Zachary Quinto, psiquiatra interino de Briarcliff, propõe a realização da terapia de aversão, a fim de causar estímulos negativos ao corpo de Lana quando em contato afetivo com outras mulheres lésbicas.

A terapia de eletrochoque é comumente utilizada em manicômios e bastante presente na série *American Horror Story* (2012). Em um total de treze episódios, pode ser observado o uso da terapia de eletrochoque em cinco deles, o que caracteriza cerca de 38% da narrativa.

Ainda nas doenças diagnosticadas pelo psiquiatra interino interpretado pelo ator norte-americano Zachary Quinto em *American Horror Story: Asylum* (2012), está a insanidade mental grave ou demência clínica aguda.

Na demência, ocorre também um prejuízo cognitivo global, porém não há rebaixamento no nível de consciência. O quadro clínico é crônico, sendo, em geral, progressivo e de caráter irreversível. Por definição, a atividade mnêmica encontra-se sempre prejudicada, principalmente em relação a formação de memória a longo prazo (LANDEIRA-FERNANDEZ, 2009, p.52).

No quesito dos transtornos mentais ligados à sexualidade, estão presentes na instituição de tratamento Briarcliff pacientes que sofrem de masturbação compulsiva e transtorno

de sadismo sexual. De acordo com Danilo Baltieri, médico psiquiatra, mestre e doutor em Medicina pelo Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, "A masturbação excessiva é uma das manifestações do que se chama 'dependência de sexo' [...] Existem várias formas de tratamento para pessoas que padecem desse transtorno: terapia cognitivo-comportamental, psicofarmacoterapia e grupos de mútua-ajuda" (BALTIERI, 2021).

Sadismo sexual envolve atos em que uma pessoa obtém prazer sexual ao infligir sofrimento físico ou psicológico a outra pessoa. O transtorno de sadismo sexual é o sadismo sexual que causa angústia significativa, que interfere de maneira substancial com o desempenho de funções rotineiras, que prejudica outra pessoa ou envolve alguém que não deu seu consentimento (BROWN, 2019).

Na produção audiovisual de Ryan Murphy e Brad Falchuk, fazem-se presentes em personagens da produção a paranóia e a sociopatia. Segundo a doutora Ananya Mandal (2019), a paranóia é caracterizada usualmente por três características principais: o medo de forma exagerada de que algo ruim acontecerá, o temor de que o mau que está prestes de acontecer seja causado por outro e falta da fundação para as duas características anteriores.

O transtorno sociopata pode ser observado no personagem Oliver Thredson, interpretado por Zachary Quinto. O personagem possui características comuns entre sociopatas, sendo um manipulador e mentiroso compulsivo, extremamente impulsivo e possui dificuldade em sentir empatia.

A sociopatia é classificada como um transtorno de personalidade que é caracterizado por um egocentrismo exacerbado, que leva a uma desconsideração em relação aos sentimentos e opiniões dos outros. Um sociopata não tem apego aos valores morais e é capaz de simular sentimentos, para conseguir manipular outras pessoas. Além disso, a sua incapacidade de controlar as suas emoções negativas torna muito difícil estabelecer um relacionamento estável com outras pessoas (YAGIU, 2021).

Por fim, também é abordado em *American Horror Story: Asylum* (2012) duas variantes da doença mental depressão. Segundo a OPAS (2021), "A depressão é um transtorno comum, mas sério, que interfere na vida diária, capacidade de trabalhar, dormir, estudar, comer e aproveitar a vida. É causada por uma combinação de fatores genéticos, biológicos, ambientais e psicológico". Na série também é abordada a condição de

psicose pós-parto. A atriz Clea DuVall interpreta a personagem que foi internada em Briarcliff por dissociar e rejeitar emocionalmente sua filha.

A depressão pós-parto é uma condição de profunda tristeza, desespero e falta de esperança que acontece logo após o parto. Raramente, a situação pode se complicar e evoluir para uma forma mais agressiva e extrema da depressão pós-parto, conhecida como psicose pós-parto (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Portanto, foram essas as múltiplas representações de doenças mentais ao decorrer da série. *American Horror Story: Asylum* (2012), conta com mais de 550 minutos de enredo, distribuídos ao longo de treze episódios, a produção audiovisual trata mais de nove transtornos mentais em sua narrativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estabeleceu-se neste artigo que as vertentes frente à escolha das opções de recorte sobre o conteúdo audiovisual são influenciadas por diversos fatores, como o posicionamento político-social dos patrocinadores, canal de transmissão, diretores e equipe técnica.

American Horror Story: Asylum (2012) utiliza dos recursos imagéticos do audiovisual para representar os doentes mentais de uma maneira caricata, como alusão à marginalização dessas pessoas na sociedade. A série de televisão, por mais que utilize de elementos estereotipados para tratar a doença, como exemplo, os casos de ninfomania, homossexualidade e demência, propõe ao telespectador uma reflexão sobre o tratamento destinado a essas pessoas.

Outro fator da distorção na produção de Ryan Murphy e Brad Falchuk é a questão do tempo e espaço. Visto que em *American Horror Story: Asylum* (2012) a produção de conteúdo se dá por um determinado ângulo do gênero terror, o posicionamento de opinião sobre a maneira com os doentes mentais são tratados na sociedade é expresso por meio da opção da representação estereotipada. Em sua escolha por exibir os acontecimentos pela perspectiva que reforça de maneira crítica a conduta da população.

A necessidade contemporânea de produção instantânea de conteúdo é inerente ao desafio e percalço que os comunicadores enfrentam, pela incerteza da satisfação por aquilo que for produzido. A opinião dos telespectadores que consomem *American Horror Story: Asylum* (2012) sobre a maneira que é exposta o doente mental tem reflexo no sucesso do produto final.

A forma de representação perpassada por um estereótipo muitas vezes é imposta pelo que é tido como “normal” socialmente. Logo que os sistemas, como cultural, político, econômico e entre outros, de uma sociedade determinam algumas normas para relações, principalmente as interações entre os indivíduos.

Briarcliff, instituição psiquiátrica presente na série, foi colocada sob uma ótica terrível para aqueles não contemplados com o padrão de "normalidade". O potencial comunicador de representação social analisada adquire um papel positivo sob o tabu da doença mental.

Entre distintos personagens e histórias, a série *American Horror Story: Asylum* (2012) cumpre a sua missão ao imergir o telespectador no âmago do ser humano. A instituição de melhora psíquica acaba por ser o espaço onde reina a atrocidade, onde a humanidade desaparece e o ambiente a inibe. Dentre os inúmeros estigmas que aparecem nos personagens da série, os menos desprezíveis acabam sendo os pacientes. Cabe questionar o quão louca é uma sociedade a qual desempenha socialmente uma espécie de catarse para seus membros, às custas daqueles considerados mentalmente doentes.

6. REFERÊNCIAS

AMERICAN HORROR STORY: ASYLUM. Direção de Ryan Murphy; Brad Falchuk. Produção de Alexis Martin Woodall; Patrick McKee; Robert M. Williams Jr.. S.L.: Fx, 2012. Color. Legendado. Disponível em: <https://www.primevideo.com/detail/0OFLXXDIUPXLO002XU1NTIV95J/ref=atv_hm_hom_1_c_6jFCGf_2_1> Acesso em: 28 maio 2021.

LANDEIRA-FERNANDEZ, J.; CHENIAUX, Elie. **Cinema e loucura: Conhecendo os transtornos mentais através dos filmes.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

DALGALARRONDO, Paulo. **O conceito de normalidade em psicopatologia.** In: DALGALARRONDO, Paulo (org.). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.* 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. cap 3. p.31-34. Disponível em: <<https://monitoriapsiq2015.files.wordpress.com/2015/02/psicopatologia-e-semiologia-dos-transtornos-mentais-paulo-dalgalarrrondo.pdf>> Acesso em: 29 de abr. de 2021.

MARCONDES FILHO, C. **A produção social da loucura.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 2003.

HOHLFELDT, A.; FRANÇA, V; MARTINO, L. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2001.

KANT. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes,** 1785.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 1ª ed – 15ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975

HALL, Stuart. **Cultura e representação** / Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e Wiliam Oliveira - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016

DA SILVA, Airton Marques. **Metodologia da Pesquisa**. 2.ed. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE, 2015.

OPAS/OMS. **Transtornos Mentais**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>> Acesso em: 28 de abr. de 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Preamble to the constitution of the World Health Organization**: official records of the WHO, Geneve, n.2, p. 100. 1946.

SINJOPE. **Código de Ética da Radiodifusão Brasileira**, 1993. Disponível em: http://www.sinjope.org.br/docs/leis/codigo_de_etica_da_radiodifusao_brasileira.pdf> Acesso em: 8 de maio de 2021.

BRASIL. **Lei no 10.216, de 6 de abril de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm> Acesso em: 14 de maio de 2021.

MILLAN, Camilla. Revista Rolling Stone. **Os estereótipos nos filmes de Hollywood e por que eles distorcem a visão real do mundo [ANÁLISE]**, 14 de maio de 2020. Disponível em <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/os-estereotipos-nos-filmes-de-hollywood-e-por-que-eles-distorcem-visao-real-do-mundo-analise/>> Acesso em: 15 de maio de 2021.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, abr. de 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>> Acesso em: 23 de maio de 2021.

FARIA, Cláudia. **Ninfomania: o que é, sintomas e tratamento**, maio de 2021. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/sintomas-de-ninfomania/>> Acesso em: 31 de maio de 2021.

DIEGUEZ, Consuelo. **ELETROCHOQUE**. Revista Piauí, jun. de 2008. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/eletrochoque/>> Acesso em: 31 de maio de 2021.

BALTIERI, Danilo. **Sou viciada em masturbação**. Disponível em: <https://danilobaltieri.com.br/sou-viciada-em-masturbacao/>> Acesso em: 6 de jun. de 2021.

BROWN, George R. **Transtorno de sadismo sexual**. MANUAL MSD Versão Saúde para a Família, ago. de 2019. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-de-sa%C3%BAde-mental/sexualidade-e-transtornos-sexuais/transtorno-de-sadismo-sexual>> Acesso em: 6 de jun. de 2021.

MANDAL, Ananya. **Que é paranóia?**, jun de 2019. Disponível em: [https://www.news-medical.net/health/What-is-Paranoia-\(Portuguese\).aspx](https://www.news-medical.net/health/What-is-Paranoia-(Portuguese).aspx)> Acesso em: 6 de jun. de 2021.

YAGIU, Hailton. **AS CARACTERÍSTICAS DA SOCIOPATIA**. Disponível em:
<<https://www.psicologiahailtonyagiu.psc.br/materias/esclarecendo/1091-as-caracteristicas-da-sociopatia>> Acesso em: 6 de jun. de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Depressão pós-parto**, abr. de 2021. Disponível em:
<<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z-1/d/depressao-pos-parto>> Acesso em:
6 de jun. de 2021.